

O KALEIDOSCOPIO.

PUBLICAÇÃO SEMANAL DO INSTITUTO ACADEMICO PAULISTANO.

N.º 9.

SABBADO 2 DE JUNHO.

1860.

Retratos á lapia.

CASTRO LOPES.

Eis aqui uma physionomia verdadeiramente original: é um vaso etrusco desencavado das ruínas de Pompeia: um romano dos bons tempos de Horacio, comendo *roast-beef* e vestido á ingleza.

Formou-se em medicina e escreveu o Novo Systema de Grammatica Latina, á que elle chama de Koran da latinidade, da qual a artimha do Padre Antonio Pereira é a biblia. Votado ao latim de corpo e alma, quando trabalha em favor do Novo Systema não se desconcertaria nem por um imperio. Seu sonho dourado é que dentro em dous seculos a humanidade inteira falle latim, escreva latim, coma latim, e vista-se á latina, seja enfim a latinidade em figura. Não hade vê-lo realisado, em quanto fôr deste mundo sublunar, ao menos.

Si a actividade fôsse peccado, o Sr. Castro Lopes nunca necessitaria do quarto sacramento. Sua vida habitual é de uma simplicidade idyllica. Vai á secretaria do imperio, descança, corrige e augmenta sua grammatica, descança, compõe uma pagina do dictionario latino, descança, verte para latim duas estancias dos *Lusiadas*, descança, obtem uma licença da secretaria e descança tres dias seguidos.

A Academia Real das Sciencias de Lisboa nomeou uma commissão para examinar o Novo Systema da Grammatica Latina. O relator foi Alexandre Herculano: o relatorio é digno do mestre da lingua portugueza e honroso para o mestre da lingua latina. Remetendo-o ao nosso heróe, Alexandre Herculano fê-lo acompanhar de uma extensa carta de felicitação. Foi a consagração do mahometismo latino, que agora pode cathechisar os genios sem temor da perseguição dos idolatras.

Aquella carta-patente do auctor do *Eurico* ficou como um breviario do nosso latinista. Elle versa-a de noite e de dia com um apêgo religioso; estudou-a, decorou-a, e ainda hoje repete-a ao deitar-se e ao levantar-se. E' o seu *pater-noster*.

Amigo de conversar, conversa bem e com

graça, mas nesse prazer da conversação enleva-se dorme. Excepto si a conversa rola sobre a pronuncia latina de uma lettra. Ouvimos-o discutir duas horas e tres quartos sobre os dous pacientes dos verbos que significam *pedir*, como: *flagito, postulo, rogo* e outros referidos no Novo Methodo. Na noite seguinte, o finado Moraes Sarmiento fê-lo pronunciar o encomio o mais entusiastico sobre a utilidade da lingua de Cicero. Nunca o vimos tão eloquente nem tão acordado. Porque seu estado habitual é dormir em latim.

Sua fisionomia é um espelho: ali está a alma retratada á daguerreotypo. Llano e singelo, não ha uma ruga de Jobrez naquelle semblante. Quando conversa, é uma fonte limpida; vê-se-lhe o fundo acamado de palthetas de ouro e poeira de brilhante; só não se enxerga o que não deixa de ter a fonte a mais pura: um pouco de lodo. O que tem n'alma diz aos amigos, o que diz aos amigos escreve para o publico. Não sabe ser de outra sorte: si quizesse fingir, trahia-se logo.

Dicemos que elle no intervallo de dous descansos vertia em latim algumas oitavas de Camões. E' a mais grave de suas preoccupações depois do Dictionario Latino em que igualmente trabalha. Os leitores já devem ter apreciado a Iyra de Gonzaga vertida por elle e publicada o anno atrazado ou em 57 n'um dos jornaes da Côte. Pois sim; é naquelle estylo fluente e repassado de melancholia, é naquella phrase correctá, naquella latinidade castigada que era a lingua predilecta de D. Jeronymo Osorio, que estão sendo trasladados os *Lusiadas*. Temos té no erudito professor: sua obra hade ser digna de seu eximio talento, e os homens sérios hão de applaudil-a com o justo orgulho da gloria nacional.

O Sr. Magalhães dice:

Poetas por poetas sejam lidos,
Poetas por poetas entendidos.

E nós accrescentamos:

Poetas por poetas traduzidos.

E o Sr. Castro Lopes é um poeta de sentimento exquisito, de uma natureza *d'élite*, ca-

paz de comprehender e fazer entender aos latinistas o grante vate portuguez.

O Sr. Castro Lopes tem uma qualidade respeitavel e que o torna credor das mais vivas sympathias : é um modelo do bom filho, como excellente pae de familia. Seu velho pae escreve-lhe que está com saudades delle ; elle não ha quinze dias que veiu de Paraty, mas lá vai, deixando o Calepino, e os *Lustádas*, e o Novo Systema, e *Walchio*, *Vossio*, *Vives*, *Olaus Borrichio* e outros amigos surdos-mudos com quem se entende na melhor harmonia, cuja convivencia é para elle uma necessidade urgente.

Com esse espirito todo de antiquario, elle gosta de dar demonstração de que não é fossil: faz calimburgos. E' uma de suas occupaões graves. Os romanos faziam calimburgos?

N'esta terra e n'este tempo o Dr. Castro Lopes é um anachronismo : vive para estudar em quanto que todos mais ou menos estudam para viver, quando não vivem para comer.

Duas unicas coisas o distrahem do estudo : sua familia e . . . antithese da actividade.

S. Paulo, Maio de 1860.

Sandoval.

EDUCAÇÃO.

EXERCICIOS DE COMPOSIÇÕES.

V.

Corria o anno de 1854, e os mezes se tinham succedido uns aos outros, com aquella costumada velocidade do tempo; e uns apóz outros se foram extinguindo, e passando a pertencer ás eras que já foram, e que nunca mais terão de ser. Alguns dias ainda restavam de existencia ao ultimo do anno, unico élo que este no presente sustentava da proeminente quéda no passado.

Era o dia 17 de Dezembro, e em uma dessas instituições particulares votadas á educação de meninas, se procediam a exames. Ali era o dia em que cada uma das jovens alumnas, tinha de passar pelas provas de seu saber; em que tinham de paten-tear o grau de adiantamento, ou atrazo em que estavam; em que tinham de dar uma publica demonstração do seu aproveitamento nos estudos: era um dia de temor para muitas, porem de doces esperanças e alegria para outras; mas para todas um derradeiro dia de trabalhos e fadigas collegiaes naquelle anno.

O sol que com resplendor tinha brilhado, desde o seu apparecimento no levante, estava prestes a sumir-se no occaso; e ceder seu posto de dominio á fulgurante lua, que então mostrava já o seu fagueiro semblante na abóbada de um fino azul.

A atmosphera prazenteira, parecia naquella hora distribuir, com mão mais prodiga, animação e vida a todos os seres.

O collegio, de que fallamos, estava em uma das melhores localidades, que ser podia.

No encantador bairro do Botafogo, magnifico por suas scenas eminentemente bellas e pittorescas, quasi no centro da longa, aprazivel, e bem arborizada praia semicircular, que orla o ameno lago da antiga Guanabara, e entre vicejantes e frondosas arvores, se ergue sobre uma elevação o espaçoso edificio; dominando uma extensa alameda, que conduz ao elegante pavilhão, entrada do estabelecimento, onde se vê en-cravada uma secular e gigantesca arvore, cujo nome deram á instituição.

Fallamos, pois, do Instituto da Quararema, fundado sob auspicios tão lisongeiros, e que tantas esperanças de duração e de brilho dava, mas a que successos imprevistos e insondaveis causaram uma tão prematura, como sorprendente desorganisação.

De vez em quando se ouvia o rodar de carruagens, que por entre as arvores subiam a alameda, e logo depois faziam a sua entrada no espaçossissimo salão do Instituto as damas e cavalheiros, que ellas haviam conduzido.

Não necessito fallar da boa ordem que reinava, nem descrever a propriedade com que ali tudo se achava; o Instituto da Quararema já não existe, e assim não careço tornar conhecida a sua boa organisação, e o seu singular asseio; basta que saibaes, que presidiram á sua criação as mais nobres vistas e bons desejos, para que delle possaes ajuzar.

A hora em que os exames deviam continuar, pois que já no dia antecedente tinham começado, se aproxima.

As alumnas, seus professores e professoras, e todos os convidados, que eram já em grande numero, tomam os respectivos lugares.

Os exames começam. Longe e bem longe estou eu da tenção de narrar-vos miudamente todos os successos do resto deste dia; e até mesmo não me occuparei, sinão accidentalmente e pouco das differentes exa-

minandas, a excepção de uma, de quem fallarei mais, pois que unicamente a ella, quero que devaes esta composição.

A ex-alumna do outr'ora existente—Instituto da Quararema—de que tenciono tratar, é conhecida de alguns de vós, e brevemente, hoje, agora mesmo talvez, o será de todos; e bem vêdes que não é sem causa, que me faço tão exclusivista.

Tive a felicidade de se me proporcionar a occasião, aliás desejada, de vos apresentar a esta amabilissima jovem, e assim me anticipo a fazer-vos primeiramente della conhecedores, para que vendo-a a possaes considerar com todo aquelle acatamento, respeito e sympathia de que é merecedora; e a que sem duvida vos sentireis impellidos, sabendo os selis não vulgares merecimentos, e sendo, como sois, jovens de tão boas disposições.

De entre as alumnas que estavam sendo examinadas, tres sobresaliam a todas as outras em desenvolvimento e saber. Cada uma destas jovens, que teriam apenas onze annos, se mostrava a mais anciosa em ser questionada; pois que conscias da sciencia que possuiam saptisfaziam com promptidão e bem, em suas respostas.

Si ali estivesseis não deixaríeis de ficar maravilhados de ver tanta disposição, tanto desembaraço, e tanto aproveitamento em meninas de tão pouca idade.

Os circumstantes não cessavam de mostrar surpresa, e nos rostos de todos se via estampada essa satisfação, que ordinariamente se entorna nos nossos corações, quando as cousas nos agradam, e estamos maravilhados.

Todos mostravam contentamento, e nem deixaram de notar singularidade no que estavam observando.

Em geral todos os exames correram bem; e mesmo meninas, que não tinham mais de sete annos, não deixaram de brilhar entre as suas companheiras.

De tempos a tempos ouviam-se melodiosissimos sons de um optimo *Herard* tocado já por uma, já por outra das alumnas: ou encantadora voz de alguma que cantava, e que com sons harmoniosos arrebatavam os ouvintes.

Bem ellaboradas composições, fructo da propria lavra destas jovens, eram por ellas tambem lidas de tempos em tempos; e foi sem duvida nisto, que ellas mais surprenderam aos que assistiam aos seus exames.

Emfim, tão dignas de louvores se mostra-

ram no geral, que não ficaram sem seus—BRAVOS, com que os mais entusiastas as animavam.

Tudo correu bem; e de todos foi elogiado o bem que tudo andou; e foi por todos decidido, que si não era novo isto de exames nos collegios, neste de que fallamos, havia muita singularidade, encarados por qualquer lado que fossem.

A ordem porque foram conduzidos, era sobretudo cousa nova, o que tambem não deixava de ser o total da exhibição.

Ernina de quem prometti fallar-vos com mais especialidade, era uma das tres jovens, que vimos responder com mais promptidão e acerto; ella era uma das que mais habeis se mostravam; e não deixou de ser de todos mui notada. Ernina fôra sempre inclinada aos livros, e no collegio deu de si as melhores contas.

Nas horas proprias sempre soube suas lições, e o seu aproveitamento ia alem do esperdo. E que bellas e engraçadas composições ás vezes ella fazia! tornavam-se notaveis pelo espirito, e novidade de assumpto com que eram escriptas.

Nas bellas-artes ella se esforçava tambem por competir com as melhores; porem si em materias de estudo, e nos seus trabalhos escolasticos, ella sempre mereceu ser elogiada, em nada o seu merecimento era tão grande, como boa a sua indole, como digna e exemplar a sua conducta como alumna e educanda. De genio docil, tinha a todos captivado com suas maneiras insinuantes; e era querida e estimada, não só de suas companheiras, mas das mestras e mestres que a ensinavam. De fina educação e optimos principios de moral, tornou-se saliente no Instituto; e sempre satisfez tão bem os seus deveres, que foi classificada—Alumna exemplar—.

S. Paulo, 22 de Novembro de 1856.

Crutas naturaes.

I

A GRUTA DO INFERNO.

Onze leguas acima da chamada *Bahia Negra* ou *Ubahy*, na latitude de 19° 55' e longitude de 320° 2', está um monte á margem direita do rio Paraguay. Nelle pela primeira vez arvorou Luiz de Albuquerque o pendão das quinias em 1775, aos treze de Se-

tembro, havendo ali fundado um presidio com o nome de *Nova-Coimbra*, o ultimo e mais austral estabelecimento portuguez sobre esse rio. Da banda do N. do presidio existe a curiosidade natural que sobresahe ás muitas outras que se encontram por aquelles terrenos.

Largando-se de *Nova-Coimbra*, depois de uma hora de navegação se desembarca, e andando-se uns sessenta passos chega-se á boca da gruta tão digna de contemplar-se, denominada do *Inferno*,—nome que sem duvida lhe proveio do horror que causaria a sua escuridão e profundidade: consta de varios salões, em um dos quaes se contam sete columnas de stalactites, tendo a mais grossa vinte e seis palmos de alto e trinta de circumferencia, e a menor doze. Estas columnas, nem que feitas artificialmente, são umas de tarjas como de gothicos, e outras de canceluras como as gregas. A maxima altura da abobada é de seis braças.

Observado este soberbo edificio, diz Francisco Rodrigues do Prado, não é possível que o espectador deixe de se transportar de prazer, misturado comtudo de sentimento de ver uma producção, assaz elegante e admiravel da natureza, posta em lugar onde tão raramente obtem o tributo que merece.

Tem a gruta duas bocas ou portas separadas entre si por uma grande pedra; as quaes são proximamente de uma braça, e mal indicam o que dentro guardam.

Ouçamos as palavras do celebre viajante Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, que com o sargento-mór Serra e os mais da comitiva, a visitou em 1791.

• Para ver-lhe o fundo me conduzi com muito geito por uma precipitada escarpa abaixo, até dar comigo em profundidade de 190 palmos, sendo aquella escarpa um enormissimo entulho de pedras abatidas da abobada que constitue o tecto da gruta, por onde está sempre pingando agua. Marchavam adiante de mim doze pedestres com outros tantos archotes, que eu providentemente havia mandado fazer, não só para me guiarem os passos ao descer por um tão tenebroso precipicio, mas tambem para illuminarem a gruta, de maneira que pudessem ver á vontade ambos os desenhadores que me acompanhavam, para a figurarem como convinha. Porém tão grande se foi ella mostrando e tão tenebrosamente escura, que espalhando-se as luzes apenas via cada qual o precipicio de que escapava, si

bem que assim mesmo nos conduzimos sem a menor lesão, até chegarmos ao seu verdadeiro fundo. Eis aqui onde a natureza me tinha preparado o maravilhoso espectáculo, que recompensou dignamente tanto o meu perigo como o meu trabalho. Porque olhado á primeira vista o todo depois de distribuidas as luzes em proporcionadas distancias, representou-se-me uma mesquita subterranea, e observadas as suas partes, cada uma dellas fazia saltar aos olhos uma differente perspectiva. A que do fundo daquelle grande salão se offerece á vista do espectador collocado á entrada della, é a de um magnifico e sumptuoso theatro todo decorado de curiosissimas stalactites, umas penduradas da abobada que constitue o tecto, á maneira de outras tantas gotteiras fusiformes, curtas ou compridas, grossas ou delgadas, redondas ou compressas, simples, bifurcadas, ramosas, tuberosas, verrucosas, &c.; outras sahindo do pavimento, á maneira de pilares, columnas, columnellos lisos ou canulados, pavilhões de campo, e um tão grosso que dous homens o não abarcam. Ao lado esquerdo da mesma sala se deixa ver como debruçada sobre ella uma soberbissima cascata natural, com todas as suas pedras cobertas de encrustações spathosas e calcareas, que vivamente representam alvos borbotões de escuma das aguas precipitadas daquelle altura. Em outra parte porém do mesmo lado parece que a natureza se moldou ao gosto da architettura gothica. Por todo esse lado estão espalhados diversos labyrinthos, cada um dos quaes de per si constitue uma curiosissima gruta. Tem aquella sala a sua linha de direcção lançada ao rumo de L., que é o mesmo que segue o interior de toda a gruta, com differença de ser cruzado. Pelo que segue a boca inferior, viu-se que tão somente o salão, incluída uma recamera sua, tinha de comprimento total cincoenta e uma braças. Todo o seu plano, que aliás era irregular, se havia então convertido em um lago de agua saborosa, porém clara, fria e cristalina; e reconheceu-se que pouco ou nenhum curso tinha, por estar represada pela enchente do rio.

Como nestes e n'outros reconhecimentos se passaram as quatro horas que decorreram desde as dez da manhã até as duas da tarde, succedeu que se consumissem os archotes, e a deligencia de configurar o que ali vi, que era o mais notavel, ficou reservada para o seguinte dia. Voltámos com

effeito, já então acompanhados do mesmo sargento-mór, commandante Serra, e de algumas praças da guarnição que quizeram presenciar as maravilhas que lhes contávamos. Porém desta segunda vez fomos tão mal succedidos como da primeira, porque a gruta ainda conservava o fumo que lhe havia deixado a iluminação do dia antecedente, e outros novos archotes que se haviam feito sahiram delgados e tão mal breados que apenas davam uma luz muito escassa. Ultimamente as fogueiras que então lembrou accender para substituirem os archotes, acabaram de a defumar de todo, que nem o fogo podia allumiar, nem nós podíamos respirar.

Terceira vez voltaram á ella os desenhadores, que foi quando se apromptaram uns cacos cheios de azeite, que generosamente deu o mesmo sargento-mór para servirem de luminarias, as quaes pouca luz deram; porém a que foi bastante para se tirarem os dous prospectos que tenho. Póde naquella gruta aquartelar-se á vontade um corpo de até mil homens. Nenhum vestigio achámos de ter ali entrado outra qualidade de gente junta, sinão a da expedição passada. O que vimos ali de alguma sorte alterado, mostrava que o havia sido por mão curiosa; porém dos conhecidos signaes, que costuma deixar o gentio, nenhum achámos.

Pouco depois da sobredita entrada, indagando novamente a gruta o tenente-coronel Joaquim José Ferreira, achou que de uma das camaras referidas, no fundo della, se passava á outra, de grandeza e curiosidade não inferior.

Nas immediações ha ainda outras cavernas, sendo tambem de nomeada a *Gruta das Onças*. Nos pantanos circumvisinhos encontram-se de quando em quando varios capões ou ilhotas de matto com grandes palmeiras, os quaes representam no meio das aguas como os oasis nos areaes desertos d'África e d'Arabia. E' ahí que vão pousar immensidade de aves, distinguindo-se as anhupocas armadas de esporões nos recantos das azas, e innumerous patos que se nutrem de uma especie de arroz indigena daquelles terrenos brejosos.

(Continúa.)

Plinius.

Contribuição do Socio Honorario do Instituto,
o Ill.^{mo} Sr. Dr. D. de Az.

A' morte de uma menina.

C'était l'unique fleur de l'Eden de ma vie!

LAMARTINE.

Ao sopro meigo das auras
Desabrochava uma flor;
E na alvorada uma santa
Dava lhe um beijo de amor.

Beijava-a, como reliquia
Que lhe viesse dos ceos;
Que as santas, se tem amores,
São sempre amores de Deos.

No cahir da tarde, as folhas
Uma por uma contava;
Como quem em roseas cores
Seu destino soletrava.

E ainda apoz outro beijo
Como breve despedida...
E a flor aos beijos da santa
Foi se tornando pendida.

Mal começava uma aurora
O seu perfume soltou;
E a santa, a linda corolla
Meia palida beijou.

A' tarde vio-a inclinada,
Quasi murcha, esmorecida,
E quiz no fogo dos labios
Dar-lhe um alento de vida.

Debalde! o meigo perfume
Já tinha subido aos ceos;
As flores que são das santas
Um dia serão de Deos.

Foi-se linda como um anjo
Que na terra peregrina...
Mas como passou depressa
Essa candida bonina!

Um vislumbre de esperança
Que tão sómente raiou;
Linda estrella em ceo de trevas
Como tão pouco b. ilhou!

Nem mais um beijo perdido
No' logar em que nasceo;
Apenas solto gemido
Voa alli onde morreo.

Mas inda como lembrança
Do seu passado de amor,
Sahe do peito da santa
Perfumes daquela flor.

Abril de 1832.

DUAS PALAVRAS EM RESPOSTA Á CRITICA FEITA AO = GOLPE DE VISTA SOBRE A HISTORIA UNIVERSAL, POR FREI FIRMINO.

(Continuado de p. 62.)

Continuando, diz o author da critica = A divisão da historia antiga em periodos de quinhentos annos cada um, o proprio frade reconhece, que sendo algum tanto engenhosa, é com tudo inexacta. = Nada encontramos n'este trecho, que faça recahir dezar algum no Sr. Fr. Firmino, porquanto confessando a inexactidão de uma idéa engenhosa, não deixa de reconhecer a sua utilidade: si a divisão da historia antiga, em periodos de quinhentos annos cada um, trazia uma vantagem comsigo, qual a de ser encarada de baixo de um só ponto de vista: si entre as divisões, nenhuma mais havia simples que esta, mais apta para chegar ao fim desejado, porque não lançaria mão d'ella, só porque era inexacta, não prejudicando o seu engenho, a utilidade que resultava de semelhante divisão? Recommenda com attenção o author da critica uma observação, que faz o Sr. Fr. Firmino, quando entra na historia moderna; é a seguinte = Por um engano de Diniz o pequeno, célebre chronologista do seculo sexto, cujo computo ácerca do Nascimento de Jesus Christo foi adoptado, a era vulgar ou christã, que segundo os calculos mais exactos deveria começar a 4000 annos da criação do mundo, só principia quatro annos mais tarde, isto é, a 4004. Entretanto como apesar do erro conhecido continua-se a contar da mesma maneira, não nos podemos apartar do modo recebido. = Citando este topico do Golpe de vista, adverte o author da crita ao Sr. Fr. Firmino, que isto não é materia de fé, nem de disciplina. Ora, ninguem mais do que S. Rev.^{ma} deve saber o que seja materia de fé, e de disciplina, sendo por isso dispensado de fazer uma tal advertencia. Si o Sr. Fr. Firmino não corrigio o erro, que elle mesmo reconhece, não o fez por ignorancia, mas pelo simples motivo de não passar por innovador, desde que esse erro não transtornava a ordem seguida pelos historiadores, desde que nenhuma revolução ia fazer no mundo historico, entendeu o Sr. Fr. Firmino, que podia continuar a contar da mesma maneira, e a confissão que o mesmo religioso faz d'esse erro, prova mais sua intelligencia do que sua deficiencia; não é o primeiro que pratica assim, muitos historiadores já o tem feito. A admira-se muito o au-

thor da critica, de que o Sr. Fr. Firmino visse na suppressão dos Jesuitas, um facto mais importante do que a revolução franceza! Deve s. s.^a saber muito bem, que nem todos podem pensar de accordo sobre qualquer ponto, e que é concedido aos historiadores plena liberdade a respeito da importancia d'este ou d'aquelle facto, com tanto que não falte ao criterio. Ora, o Sr. Fr. Firmino, attendendo aos relevantes e importantissimos serviços prestados pelos Jesuitas, o que ninguem ignora, lamenta a sua perda, e a considera como um facto importante na Historia. Si, circumstancias poderosas houveram, que exigiam a suppressão dos Jesuitas, não é isso motivo sufficiente, para esquecermos os beneficios por elles prestados, quer á religião christã, quer á sociedade. Recorra-se á Historia, e ali se encontrarão os nomes respeitaveis de muitos Jesuitas, notaveis pelas suas virtudes e sciencias; muitos d'entre elles foram ornamento das letras, e o progresso das sciencias muito deve a essa célebre companhia. Quando por uma acção, inteiramente providencial, Cabral, arrojado pelos mares descobriu o nosso abençoado sólo, quem foram os primeiros que arriscando generosamente suas vidas, plantaram em o nosso sólo o estandarte da Cruz, o emblema da nossa religião christã? Quem foram os que annunciaram a paz aos homens barbaros, que habitavam o paiz descoberto?

Não precisamos ir mais longe, basta lembrarmos ao author da critica o nome, que hoje se repete com respeito e amor, o nome d'esse homem, que a Historia brasileira ha de immortalisar, queremos fallar do célebre Padre José Anchieta...

Em ultima analyse diz o author da critica = que o Brasil é muito generoso, mas sabe rir-se dos barbadinhos. = Longe de elevar a nossa bella Patria, a desabona diante do estrangeiro! Honra seja feita ao povo brasileiro, que com a liberdade, religião e generosidade que o caracteriza, em lugar de rir-se dos capuchinhos. sabe hospedar e louvar áquelles que, como Fr. Firmino, o auxilia em sua grande obra do progresso scientifico, e que com suas palavras cheiás de unção religiosa, faz-nos compenetrar das verdades evangelicas....

†††

Origem das palavras Whig e Tory.

Ha dous seculos que os partidos politicos em Inglaterra são conhecidos dentro e fóra daquelle paiz pelas denominações de *whigs* e *torys*. Estas denominações, que a principio eram tidas como insultuosas pelos dous bandos a que se referiam, foram depois por elles adoptadas com tal indifferença que são ainda hoje os termos com que mutua e livremente se designam.

A palavra *tory* em dialecto Irlandez significa *ladrão* que vive do saque e do roubo. Foi applicada aos bandos de foragidos que infestavam o paiz, empregando-se durante a guerra exterminadora da Irlanda em 1641 em despojar e assassinar os viandantes inermes e indefensos. Aquelles malfiteiros usavam, segundo lèmos em Noel, ao investirem a sua victima, das palavras *torie me*, que tanto valia como dizer: *dá-me a tua bolça*, formando-se destas expressões, com o andar dos tempos, a palavra *tory*, *ladrão*.

Aos catholicos d'Irlanda, que no reinado de Carlos I ganharam ascendencia sobre os protestantes, foi tambem applicado aquelle termo; e alguns annos depois aos sectarios da auctoridade real, accusados pelos seus adversarios de favorecerem a rebellião na Irlanda.

O odioso da palavra *tory* diminuiu consideravelmente com a expulsão de Jacques II: —os que se declararam sustentadores das instituições do estado adoptaram aquelle nome.

A palavra *whig* é escosseza; e tendo-se-lhe dado tão variadas interpretações, é difficil fixar o sentido em que foi applicada a um bando ou partido politico. Em quanto o duque de York, irmão de Carlos II, esteve refugiado na Escossia, contendiam neste paiz duas parcialidades inimigas, das quaes uma seguia as bandeiras do rei, e outra as do duque. Os partidarios deste, que eram os mais fortes, perseguiram os seus adversarios obrigando-os a retirarem-se ás montanhas, e a esconderem-se nos bosques, aonde o leite lhes servia de unico alimento; e dando isto lugar a que por mofa aquelles os denominassem *whigs* ou *bebedores de leite*, estes por uma justa vindicta alcunharam *torys* ou *ladrões* os seus perseguidores. A serem exactas semelhantes conjecturas não ha duvida alguma que ambas as denominações as trouxe da Escossia o duque de York. Walter Scott julga, porém, que a palavra *whig* é contracção de

whig a more, interjeição de que se servem os camponezes d'oeste da Escossia para fazerem andar as bestas. A primeira vez que soou a palavra *whig* foi applicada aos presbyterianos daquelle paiz, quando em 1641, achando-se Carlos I já prisioneiro das tropas do parlamento, elles empunharam as armas, e atacando os realistas se investiram no supremo mando. O partido do rei appellidou assim os presbyterianos escossezes por ser este partido composto, na maior parte, d'aldeões e carreiros que contavam no seu bando pouca gente de consideração.

Ambas as denominações e bandos de que temos fallado existem ainda hoje em Inglaterra; modificados pela civilização e tolerancia, feições caracteristicas do presente seculo.

Os ministros ali, ora são tirados do partido *whig*, ora do *tory*; com tudo qualquer que seja a côr a que pertençam—Castlereagh, ou Canning—Peel, ou Melbourne, jamais se esquecem da gloria e interesses da sua patria.

MOSAICO.

O hospital dos invalidos, em Pariz, acaba de receber um veterano polaco de idade de 126 annos! Chama-se este homem o Snr. Kolemberki: nasceu no reinado de Luiz XV, assistiu as guerras do grande Frederico, achou-se na batalha de Fontenoi, tinha 70 annos quando rebentou a revolução de 1793, e quando cahiu o heroe de Austerlitz tinha o veterano 90 annos: tem assistido a 10 reformas de governo em França,

Os turcos costumam muitas vezes rogar esta praga, quando estão enfadados: — «Faça-te Deus como o chapéu de um christão.» Isto refere-se ao motu continuo em que sempre tão ridiculamente trazemos nossos chapéus para comprimentar as pessoas que encontramos, o que elles não usam com os seus turbantes.

O numero das linguas qua se fallam em quatro partes do mundo montam a 3014 e distribuem-se da seguinte maneira:—587 linguas ou dialectos européos; 937 asiaticos; 226 africanos; 1264, americanos.

Menor é o numero dos povos.

Os avaros não podem fazer testamento: arrepiam-se da palavra—*deixo*. *Marquez de Maricá*.

O ROMANCE DE UM MOÇO RICO.

(Continuado da pag. 64.)

FERN.—A sorte de toda minha vida vá decidir-se d'aqui a pouco : concedei-me por tanto, alguns momentos de reflexão, certa de que não esquecerei os deveres que me impõe o nosso nome, nem a desgraça que sobre vós pésa. Confíe em mim.... Esta tarde, senhora, conhecereis qual a minha resolução.

CONDES.—Até logo, Fernando. *(Aper-ta-lhe a mão)*.

FERN.—Até logo, senho....

CONDES.—*(Atalhando-o)*Minha irmã.

FERN.—Até logo, minha irmã.

CONDES.—*(A' parte)*. O triumpho é meu. *(Sáhe)*.

SCENA 8.^a*Fernando só.*

FERN.—Tens razão : uma nobre familia... um nome pomposo... porque a não ser assim o que diria o mundo?... —Mas que me importa o mundo!... *(Vendo entrar Maria)*. Ah! Maria...

SCENA 9.^a*Fernando e Maria.*

FERN.—Não me lembrava que estavas no quarto da Condessa.

MAR.—Esperava por ella, mas quem me appareceu foi outra pessoa...

FERN.—Outra pessoa?...

MAR.—Será algum amigo vosso ?

FERN.—Quem ?

MAR.—O cavalheiro D. Francisco de Menezes.

FERN.—Não : é amigo de meu irmão : nosso contraparente.... e mal o conheço.

MAR.—Sim : vós não podeis ter relações com esse homem.... Mas não fallemos nisso : meu páe espera-me, e até logo, sr. Fernando.

FERN.—*(Com intenção)*. Adeus, Maria.

MAR.—*(Voltando)*. Dizeis-me adeus ? Não vos lembraes que me prohibistes de dirigir-vos esta triste palavra ?

FERN.—E entretanto hoje dirijo-t'a eu.

MAR.—Porquê ?

FERN.—Porque talvez seja esta a ultima vez que nos vejamos....

MAR.—*(Com muita emoção)*. A ultima vez ! a ultima vez !.

FERN.—Maria! tu empallideces, vacillas ? *(Sustentando-a nos braços)*. O que tens ?.

MAR.—Não sei ; mas senti aqui uma dôr que me traspassou a alma.... e mal posso fallar....

FERN.—Meu Deus !

MAR.—*(Levando a mão á garganta)*. Suffoca-me esta dôr.... abaf.... falta-me o ar.... parece que os soluços e as lagrymas.... querem.... ah!.. si eu pudesse chorar.... soffreria menos....

FERN.—De que provém uma dôr tão repentina ?

MAR.—Não me dicestes adeus?.. não me dicestes :—parto, e nunca mais te tornarei a vêr?..

FERN.—Ah! é por isso!—Mas eu não quero vêr-te soffrer assim.... Não, não partirei mais! vêr-nos-hemos sempre!..

MAR.—Sempre!. sempre!.. *(Chora e ri ao mesmo tempo)*. Não sei porque esta palavra, que deveria tornar-me feliz, me faz derramar lagrymas.... Porque chorarei eu, meu Deus !..

FERN.—Porquê? Ah! não me atrevo a adivhá-lo, nem tambem a dizer-t'o.

MAR.—E não me direis tambem porque motivo me dirigistes esse adeus tão cruel ? Para onde quereis ir ?

FERN.—Para um claustro.

MAR.—Vós! recolher-vos a um claustro?.. Mas quem vos consolará ali? quem enxugará vossas lagrymas? Ali—não poderei ser convosco—eu que desde a minha infancia não me tenho separado de vós ; ali—não poderei dizer-vos :—esperae!.. Um claustro, Fernando! um claustro para vós é a morte !

FERN.—Bem o sei, Maria; mas meu irmão carece da minha fortuna.

MAR.—*(Com força)*. Pois bem : dáclh'a : entregae-lhe tudo! Porventura só o dinheiro é que nos torna felizes ?

FERN.—Não, Maria : o amor tambem.

MAR.—*(Perturbada)*. O amor !

FERN.—Si eu me casasse, Maria, sentirias menos do que si entrasse para um claustro ?

MAR.—*(Vivamente)*. Não! sentiria ainda mais !

FERN.—E.... si a minha escolha recalis-se em ti ?

MAR.—*(Abaixando os olhos)*. Em mim ! grande Deus !

FERN.—Abaixas os olhos : calas-te.... Maria, eu já te confiei todos os meus pen-

samentos: porque não me confiarás também os teus?

MAR.—Os meus pensamentos resumem-se nestas palavras, Fernando:—já não possuis bens da fortuna.... quizera também que não fosseis nobre!

FERN.—Neste caso não sou para ti mais um objecto digno de compaixão?—não?

MAR.—Não!

FERN.—Sentes por mim mais do que a ternura de uma irmã?—não é verdade?

MAR.—Sim!..

FERN.—Ah! tu me amas? sou amado, meu Deus!... —Tens razão: entregar-lhes-hei tudo o que possuo.... porque só a ti quero, meu unico thesouro, minha unica felicidade, minha vida!... Mas abandonando-lhes tudo, que futuro te restará? Deverei condemnar-te á uma existencia de privações?... á ti, minha Maria! á ti!

SCENA 10.^a

Os mesmos, Graça e Simões.

GRA.—É ao sr. Fernando d'Avila que tenho a honra de fallar?

FERN.—Sim, senhor. O que querem de mim?

GRA.—Eu? nada, absolutamente nada. (*Tira um maço volumoso de papeis da algibeira*). Lê lá, rapaz.

SIM.—Lá váe, patrão: com todos os // e rr.

FERN.—Mas espero que V.^a S.^a explique-se primeiro....

SIM.—É malhar em ferro frio, porque elle não póde responder pitada. (*Lendo*). «Perante nós, Jeronymo da Graça...» (*Alto*). É aqui o senhor. (*Continuando a lêr*). «....Tabellião em Villa-Pouca d'Aguiar, na provincia de Traz-os-Montes, compareceu a sra. D. Juliana Francisca Maria Josepha de Lencastre e Avila....» (*Alto*). É um testamento, sem mais, nem menos.

FERN.—Um testamento!

SIM.—(*Continuando a lêr*). «....a qual declarou instituir por seu herdeiro universal a D. Fernando, Visconde d'Avila....»

FERN.—A mim!

MAR.—Herdeiro universal!

FERN.—(*A Graça*). Mas não me fará V.^a S.^a o favor de dizer....

GRA.—É impossivel, senhor. Dei minha palavra... minha palavra de tabellião publico, de não dizer á V.^a Ex.^a nada relativamente a este importante negocio, e heide

N.º 9.

cumprir religiosamente a minha promessa. (*A Simões*). Continúa rapaz.

SIM.—(*Lendo*). «....seu herdeiro universal a D. Fernando, Visconde d'Avila....»

FERN.—Mas este auto não me fará conhecer tudo?

GRA.—Sim: mas prometti á Ex.^{ma} sua irmã não dizer-lhe nada...

SIM.—E nada tem dito: sou eu que estou lendo.

GRA.—Não prevenir a V.^a Ex.^a....

SIM.—E não o tem feito: sou eu que estou lendo.

GRA.—Minha palavra estava empenhada; formalmente empenhada! e como antes quizera vêr-me em póstas do que faltar aos meus deveres de tabellião, imaginámos ambos este meio de cumprir o nosso dever, sem faltar á nossa palavra.

SIM.—Sim: fomos nós dous que imaginamos este meio; isto é, cá o patrão—procurou; eu—achei.

GRA.—Continúa, rapaz.

SIM.—(*Lendo*). «....a qual declarou instituir seu herdeiro universal....» (*Endireita a cabeça*). «....a Fernando d'Avila, doando-lhe especialmedte a quantia de dous milhões....»

FERN. e MAR.—Dous milhões!

GRA.—(*Lendo por cima do hombro de Simões*). «....duzentos e vinte oito....»

SIM.—Cale-se, patrão! olhe que falta á palavra. (*Lendo*). «....duzentos e vinte oito mil, setecentos e noventa e oito réis....»

FERN.—Como?—pois essa boa prima lembrou-se de mim que a não conhecia.... que nunca a vi e que não poderei lembrar-me das suas feições, quando por ella tiver de rezar?

SIM.—Como é bonito isto! (*A' parte*). Estimo mais que fosse elle o herdeiro, patrão.

FERN.—Deixar-me uma fortuna tão consideravel!—Ouviste, Maria?

MAR.—Ouvi, sim. Sois agora ainda mais rico e eis-nos para sempre.... separados!

FERN.—Separados? (*A Graça*). Ah! recommendaram á V.^a S.^a que guardasse silencio?. (*A' parte*). Aconselharam-me que tomasse ordens? E eu entreguei-lhes, não cem mil moedas, mas tudo o que para o futuro me houvesse de pertencer!....

MAR.—Chega toda vossa familia.

FERN.—Sim: os amigos, os parentes que veem ouvir a minha ultima resolução. Recolhe-te áquelle quarto, Maria—e V.^{as} S.^{as}

tambem. (*Fá-os entrar á direita e vae abrir as portas do fundo*).

SCENA 11.^a

Fernando, D. Francisco, o Conde, a Condessa, parentes e amigos.

FERN.—Vinde, meu irmão; vindes, Condessa, e vós, meus parentes e amigos, e ouvi a minha ultima resolução. Sois, meu irmão, o mais velho da familia, e a fortuna que meu pae vos deixou não basta para sustentar dignamente vosso nome.... Desejo e devo augmentá-la.

CONDES.—(*Baixo*). Ouviram?

D. FRAN.—Perfeitamente.

COND.—Meu amigo, meu irmão!

CONDES.—Meu Fernando!

FERN.—Oh! não me agradeças ainda, senhora; deixae-me continuar. As cem mil moedas que vos dei não bastariam para regularisar o estado de vossa casa....

CONDES.—Pois pretendeis dar-nos mais, Fernando?

FERN.—Pretendo dar mais alguma cousa a meu irmão.

COND.—Mais alguma cousa?

D. FRAN.—Devéras!

FERN.—E podeis acceitar o meu offerecimento sem escrupulo, porque é uma pequena parte da brilhante herança que me legou a nossa parente a sra. D. Juliana d'Avila.

CONDES.—(*Fóra de si*). Uma herança! —pois já sabias?

FERN.—E V.^a Ex.^a não o sabia?... Folgo muito em ser o primeiro a dar-lhe parte de tanta felicidade....

D. FRAN.—(*Baixo*). Estamos derrotados.

CONDES.—(*Baixo*). Esse estúpido tabelião....

FERN.—Não é essa a minha unica resolução: tomei outra que vae decidir do meu futuro e que vos communicarei agora mesmo. (*Vae abrir a porta do quarto, donde sahem Maria, Graça e Simões*).

SCENA 12.^a

Os mesmos, Maria, Graça e Simões.

CONDES.—O que irá elle fazer?

FERN.—Meus bons parentes, meus amigos, apresento-vos a sra. D. Maria da Silva, até hoje minha amiga de infancia, e que amanhã será minha mulher.

TODOS.—Sua mulher!

MAR.—Eu! eu, sua esposa!

CONDES.—(*Baixo*). Oh! desgraçada della! (*A Graça*). O senhor atraçou-me!

GRA.—(*Com força*). Não ha tal, senhora!

CONDES.—E ainda atreve-se a negá-lo!

SIM.—O patrão não abriu a bocca, senhora; quem deu de lingua e leu parte do testamento fui eu!

CONDES.—O senhor!

SIM.—Sim, porque minha palavra não estava empenhada.

COND.—(*A' Condessa*). Estamos perdidos, senhora.

D. FRAN.—(*Baixo*). Que triumpho para essa orgulhosa menina!

CONDES.—(*Baixo*). Não importa! Estão dispostos a ajudar-me?

COND.—Certamente.

D. FRAN.—Eu, em corpo e alma: disponha V.^a Ex.^a de mim como lhe aprouver. (*Durante este dialogo Fernando apresenta Maria a todos os circumstantes, que a comprimentam. Fernando e Maria descem depois e veem collocar-se entre a Condessa, o Conde e D. Francisco: Fernando silencioso, Maria tremula e com os olhos baixos*).

FERN.—(*Meigamente*). Queres, meu irmão, esquecer o passado? queres estender-lhe uã mão amiga? (*Designando Maria*).

COND.—Eu!

CONDES.—(*Baixo ao Conde*). Fazei-o, Conde. (*O Conde estende a mão á Maria*).

FERN.—(*Com alegria*). Obrigado, obrigado, Jorge! (*A' Condessa*). E vós, minha irmã, não quereis ser benigna para ella? (*A Condessa parece hesitar*). Não me respondeis?

CONDES.—Hesito, Fernando, porque o que digo, digo-o e faço-o.

FERN.—(*Supplicante*). Pois bem, minha irmã.... (*A Condessa abraça Maria*). Oh! como sou feliz hoje!

GRA.—Que boa senhora!

SIM.—(*Baixo*). Acha, patrão? Eu cá da minha parte creio que aquelle beijo é venenoso.

FERN.—Incumbo á V.^a S.^a, sr. Graça, de lavar a escriptura.

GRA.—A mim?... Como foi bom não ter mandado o meu escrevente só!

D. FRAN.—(*Baixo, á Condessa*). Como poderá V.^a Ex.^a frustrar agora esse casamento?

CONDES.—(*Baixo*). Não poderei frustrar o casamento, mas heide anniquilar a mulher!

FIM DO ACTO PRIMEIRO E DO QUADRO PRIMEIRO.

Acto segundo.

QUADRO SEGUNDO.

Baile mascarado no theatro de S. Carlos. — A scena representa um salão.

SCENA 1.ª

Mascaras, Graça e depois Simões.

GRA.—(*Entra em scena muito alvoroçada, de dominó, tirando a mascara*). Ora eis aqui o que se chama um baile mascarado em S. Carlos!.... Si em Villa-Pouca de Aguiar na provincia de Traz-os-Montes, patria do meu nascimento, alguém soubesse que eu, Jeronymo da Graça, vim dar com os ossos aqui... si a minha santa Eva suspeitasse que o seu Adãosinho andava por estes logares, não sei o que seria de mim!—de mim que, a fallar a verdade, ignoro como vim parar aqui. Esta idéa faz-me arripiar as carnes.... E as bellas cousinhas que tenho ouvido.... tem me feito corar até a raiz dos cabellos.... Que mulheres tão desembaraçadas tenho encontrado! hão de ser naturalmente as dansarinas....

SIM.—(*Entrando pelo fundo, embrulhado num dominó e com a mascara na mão*). Estou com a barriga a dar-me horas! Este baile tem me aberto o appetite de uma maneira extraordinaria! Olá! o patrão por aqui!... (*Põe a mascara*).

GRA.—Estou com vontade de pôr-me a pannos. Uma destas mulheres pôde ainda intrigar-me e envergonhar a minha natural castidade....

SIM.—Intriguemo-lo. (*A' parte*).

GRA.—Parece-me estar sentindo a cada passo o braço de uma....

SIM.—(*Agarrando-lhe no braço*). Adeus, bella mascara.

GRA.—Estou pegado!

SIM.—(*Disfarçando a voz*). Queres offerecer-me o teu braço?

GRA.—Já me trata por tu! (*A' parte*). Hade ser alguma das taes.... (*Alto*). Com licença, minha senhora....

SIM.—(*A' parte*). Minha senhora!.. O maganão cahio: abusemos da sua boa fé. (*Alto*). Está fazendo muito calor:—não achas? não seria máu tomarmos alguma cousa..

GRA.—Pois não, minha senhora.... Julgo-me feliz.... (*A' parte*). E das taes!—não ha duvida. (*Alto*). Mas não supponha....

SIM.—És muito bonitinho para te recusares a isso, meu Gracinha....

GRA.—(*Atalhando-o*). Conhece-me!.... sou conhecido até das dansarinas!... Donde me conhece, senhora?

SIM.—Ora esta! de Villa-Pouca d'Aguiar.

GRA.—De Villa-Pouca d'Aguiar!.... A senhora dansou alguma vez ali?

SIM.—Quem? eu!—dansar em Villa-Pouca d'Aguiar? Esta é bem achada!

GRA.—Sim, dansar: pois a senhora não é uma dansarina?

SIM.—Sou uma moça das mais virtuosas que possam haver, mas não dansarina; e o senhor é o primeiro homem a quem digo:—Meu Gracinha, tu és muito bonitinho!

GRA.—A senhora confunde-me....

SIM.—Não, meu Gracinha, meu bello Gracinha!..

GRA.—(*Com effusão*). Seu bello Gracinha!.. O que queres de mim, meu anjinho?

SIM.—(*Com hesitação*). Pouca cousa, uma ceiasita....

GRA.—Uma ceia!.. Pois eu, Jeronymo da Graça, tabellião publico, homem casado, heide cear com.... oh!!!....

SIM.—(*Com dignidade*). V.ª S.ª, senhor Graça, não sabe com quem váe cear!

GRA.—Pois a senhora não é uma.... dansarina?!

SIM.—Oh! horror!!!.... Juro que nunca homem algum me dirigiu a menor palavrinha de amor....

GRA.—Devéras!

SIM.—Que nunca homem algum me apertou as pontinhas dos dedos!..

GRA.—Então.... és um anjo de pureza e de candura, não!?!.... pu.... pu.... purosinho, não?....

SIM.—Sim.

GRA.—E convidas-me a cear contigo?

SIM.—Sim.

GRA.—E hasde arrancar do rosto esta feia mascara que encobre tuas lindas feições?

SIM.—Sim: depois.... depois.... á sobre-mesa....

GRA.—A pequena é gulosa! não posso mais resistir. (*Alto*). Então, vamos cear sempre?

SIM.—Sim, vamos, meu Graça, meu Gracinha!.... (*Leva-o mansamente*).

GRA.—Oh! minha chara metade, si tu soubesses....

SIM.—(*Com força e voz natural, puxando-o*). Então vens ou não? (*Graça e Simões dispõem-se a sahir, quando apparecem a Condessa, o Conde e D. Francisco*).

SCENA 2.ª

Os mesmos, D. Francisco, o Conde e a Condessa.

COND.—O sr. Graça! o sr. Graça no baile!

GRA.—Céus! estou perdido.... apesar de estar mascarado!...

SIM.—Mascarado como, si estás com a mascara na mão?

GRA.—Ah! é verdade!.... Meus senhores e minha senhora.... vim aqui por acaso.... (A' parte). Que juizo farão elles de mim! (Baixo, a Simões). Suma-se d'aqui, senhora.

COND.—Como? por acaso?

D. FRAN.—Foi tambem por acaso que V.ª S.ª deu o braço a este dominósinho?

GRA.—Este dominó é um freguez da casa, com quem acabei de tratar de um negocio.... litigioso.... já se sabe....

SIM.—O senhor respondeu-lhe optimamente.

CONDES.—Sr. Graça...

GRA.—Sra. Condessa...

CONDES.—Ha um mez que desempenhou V.ª S.ª muito mal nossas instrucções ácerca de certo negocio.... contribuindo para certo casamento....

GRA.—Eu, senhora? juro.... Olhe V.ª Ex.ª que o meu escrevente Simões foi que....

SIM.—(A' parte). Que tratante!.... (Baixo, a Graça). Cale-se: verá como se safa desta entaladella.

CONDES.—(Baixo). É um homem perigoso: tratemos.... de recambiá-lo para sua terra. (Alto). V.ª S.ª ainda se demóra muito em Lisboa?

SIM.—(Baixo a Graça). Querem que o senhor se retire para a terra.... Aqui ha marósca!...

GRA.—(Baixo). Temos nova tratantada!

COND.—Então não responde, sr. Graça?

GRA.—Não sei, creio que....

SIM.—(Ao ouvido de Graça)Que me demorarei muito tempo aqui.

GRA.—Que me demorarei muito tempo aqui. (A' parte). Mil raios me partam si sei o que dice!

SIM.—(Baixo). Socegue.

GRA.—(Baixo). Confio em você, minha pequena.

CONDES.—E seus negocios, sr. Graça?

COND.—O seu cartorio?...

SIM.—(Ao ouvido de Graça). Traspasso

ao meu escrevente, Eduardo Simões:—responda.

GRA.—Como? pois heide dizer uma blasfemia destas?

SIM.—(Baixo). Repita, sinão deita tudo a perder.

CONDES.—Então, sr. Graça, não responde?

GRA.—Traspasso ao meu escrevente, Eduardo Simões.

D. FRAN.—Mas V.ª S.ª não tem familia ali?

GRA.—Tenho mulher e filha, senhor.

CONDES.—E então?

GRA.—(Atrapalhado). Mando buscar....

SIM.—(Baixo, ao ouvido de Graça). Mando buscar a mulher e dou a filha a Simões.

GRA.—(Baixo). Como é isso?

CONDES.—V.ª S.ª ia dizendo....

SIM.—(Baixo). Repita o que lhe dice.

GRA.—Mando buscar minha filha e dou minha mulher a Simões.... Não! engance-me! mando buscar minha mulher e dou minha filha a Simões.

CONDES.—Muito bem! (Baixo). É mais um inimigo. (Alto). Si sua mulher algum dia souber que o senhor veio aqui com.... (Designa Simões).

GRA.—Minha mulher, senhora, conhece-me perfectamente.

CONDES.—V.ª S.ª dice que este dominó era uma cliente....

GRA.—Uma cliente.... sim.... não....

CONDES.—Talvez pareça indiscrição perguntar-lhe como se chama este mascara?

GRA.—Não, minha senhora: este mascara.... é.... um.... um mascara....

CONDES.—Mas como se chama?

COND. e D. FRAN.—Sim, como se chama?

SIM.—(Baixo, ao ouvido de Graça). Diga-lhes que é o seu escrevente Simões.

GRA.—É.... (A' parte). O todo parece-se com o delle. (Alto). É o meu escrevente Simões, ora ahi está!

TODOS.—(Rindo). O sr. Simões! Ah! ah!.. ah!..

GRA.—Eh!.. eh!.. eh!.. Foi um capricho deste sugueitinho. Vamo-nos embora, Simões; vamos ceiar.

CONDES.—Devéras!—E o sr. Simões porá duvida em desmascarar-se em nossa presença?

(Continúa.)